



VOCÊ SABE FAZER FARINHA? [SEI.] ME ENSINA? O LÉXICO DA FARINHA DE MANDIOCA NA REGIÃO NORTE DO BRASIL

DO YOU KNOW HOW TO MAKE FLOUR? [I KNOW.] DO YOU TEACH ME? THE LEXICON OF CASSAVA FLOUR AT THE BRAZIL NORTHERN REGION

Jorge Luiz Nunes dos Santos Junior (UFMS/CPTL)¹

jorgesantosjunior@gmail.com

Aparecida Negri Isquierdo (UFMS/CNPq)²

aparecida.isquierdo@ufms.br

RESUMO: Este trabalho situa-se no campo da Lexicologia (BIDERMAN, 2001); da Lexicografia Dialetal (NAVARRO CARRASCO, 1993); da Dialetologia (CARDOSO, 2010); CHAMBERS; TRUDGILL, 1994) e da Sociolinguística (LABOV, 2008 [1972]) e discute o léxico relacionado à fabricação da farinha de mandioca fornecido por falantes naturais de São Gabriel da Cachoeira/AM, Benjamin Constant/AM e Oiapoque/AP como resposta para duas perguntas do Questionário Semântico-lexical/QSL do Projeto Atlas Linguístico do Brasil/ALiB, a saber: 50 – “Como se chama aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?” e 51– “Como se chama uma raiz parecida com a macaxeira que não serve para comer e se rala para fazer farinha (polvilho, goma)?” (COMITÉ NACIONAL..., 2001, p. 25). Nas respostas documentadas a forma lexical *mandioca* foi categórica para a pergunta 50. Todavia, foram identificadas interações criadas entre entrevistador/entrevistado que resultaram num menor monitoramento da fala, quando perguntado ao informante se ele sabia como é feita a farinha de mandioca, motivando a menção das unidades lexicais *farinhada maniva*, *tacacá*, *tarisca*, *tipiti* e *tucupi*. Essas unidades lexicais, de cunho regional, foram mencionadas de maneira restrita e isoladas ao serem consideradas as variáveis sexo, idade e naturalidade. Assim, a forma *tipiti* foi mencionada por duas falantes do sexo feminino, uma jovem e uma idosa, de São Gabriel da Cachoeira/AM, enquanto *tarisca*, *farinhada* e *maniva* foram citadas por um falante jovem do sexo masculino, em Benjamin Constant/AM. Por sua vez, *tacacá* e *tucupi* foram proferidas por uma informante do sexo feminino, idosa em Oiapoque/AP. Destaca-se, ainda, que a consulta a quatro dicionários gerais da Língua Portuguesa – Aulete (2022), Ferreira (2010), Houaiss (2009), Michaelis (2022) – e a uma obra lexicográfica regional – Rodrigues (2015) – demonstrou que *tarisca* está dicionarizada tão somente na obra regional, enquanto *tucupi* carece de definições mais precisas nas obras consultadas.

PALAVRAS-CHAVE: Dialetologia; Norma lexical; Fala monitorada, Léxico da mandioca; Região Norte.

ABSTRACT: This paper is situated in the field of Lexicology (BIDERMAN, 2001); of Dialectal Lexicography (NAVARRO CARRASCO, 1993); of Dialectology (CARDOSO, 2010); (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994) and Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]) and discusses the lexicon related to the manufacture of cassava flour provided by native speakers of São Gabriel da Cachoeira/AM, Benjamin Constant/AM and Oiapoque/AP as an answer to two questions from the Semantic-lexical

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas (UFMS/CPTL). Bolsista CAPES.

² Doutora em Letras (Linguística e Língua Portuguesa) pela UNESP/Araraquara. Pesquisadora Sênior/UFMS. Docente permanente na Pós-Graduação stricto sensu da UFMS – Estudos de Linguagens/FAALC e Letras/CPTL.

Questionnaire/QSL from the Atlas Linguístico do Brasil/ALiB Project, namely: 50 – “What is the name of that white root inside, covered by a brown husk, which you cook to eat?” and 51 - “What is called a root similar to cassava that isn’t suitable for eating and is grated to make flour (starch, gum)?” (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 25). At the documented answers, the lexical form cassava was categorical for question 50. However, interactions created between interviewer/interviewee were identified and it resulted in less speech monitoring, when asked the informant if he knew how cassava flour is made, motivating the mention of the lexical units *farinhada*, *maniva*, *tacacá*, *tarisca*, *tipiti* and *tucupi*. These lexical units, of regional character, were mentioned in a restricted way and isolated when considering the variables gender, age and birth place. Thus, the *tipiti* form was mentioned by two female speakers, one young and one elderly, from São Gabriel da Cachoeira/AM, while *tarisca*, *farinhada* and *maniva* were mentioned by a young male speaker, from Benjamin Constant/AM. In turn, *tacacá* and *tucupi* were given by an elderly female informant in Oiapoque/AP. It is also noteworthy that the consultation of four Portuguese language general dictionaries – Aulete (2022), Ferreira (2010), Houaiss (2009), Michaelis (2022) – and a regional lexicographical paper – Rodrigues (2015) – showed that *tarisca* is only in the dictionary in the regional paper while *tucupi* lacks more precise definitions in the consulted papers.

KEYWORDS: Dialectology; Lexical norm; Monitored speech, Cassava lexicon; North region.

1. Introdução

O ato de nomear é uma prática inerente ao ser humano e pode ser observada ao longo da história da humanidade, dada a necessidade de os elementos do universo que circunda o homem, em todas as épocas, serem nomeados, uma vez que objetos, conceitos, tecnologias que com frequência surgem na sociedade demandam denominações. Consequentemente, novas unidades lexicais são incorporadas ao léxico das línguas. Todavia, o inverso também ocorre, quando itens léxicos entram em desuso no decurso da história porque os referentes nomeados deixam de existir.

Muitas são as motivações que levam o homem a escolher um nome para determinado objeto (referente), razão pela qual as denominações podem ter motivações desconhecidas, incluindo situações em que um estudo etimológico pode apontar indícios para certas escolhas lexicais para nomear referentes específicos, em especial os peculiares a realidades regionais, no caso, nomes atribuídos por habitantes de uma área geográfica para os elementos que os circundam. Nesses contextos, a análise lexical leva em conta também elementos da história social e da realidade física, sociocultural e econômica da região/localidade onde os dados foram coletados.

O objetivo deste artigo é discutir seis unidades lexicais (UL) relacionadas ao léxico da farinha de mandioca fornecidas por falantes naturais dos municípios de São

Gabriel da Cachoeira/AM, Benjamin Constant/AM e Oiapoque/AP, a saber: *farinhada*, *maniva*, *tacacá*, *tarisca*, *tipiti* e *tucupi*. Esses dados pertencem ao *corpus* do Projeto ALiB e são originários de respostas fornecidas por informantes dessas localidades para duas perguntas do Questionário Semântico-lexical/QSL/ALiB: 50 – “Como se chama aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?” – e 51 – “Como se chama uma raiz parecida com a macaxeira que não serve para comer e se rala para fazer farinha (polvilho, goma)?” (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 25).

Este estudo é um recorte da pesquisa de Tese de Doutorado, em andamento, que tem como objetivo mais amplo dar tratamento lexicográfico e eletrônico ao *corpus* do ALiB recolhido por meio das 202 perguntas do QSL/ALiB nas 18 localidades da rede de pontos relativa ao interior da região norte do Brasil com a finalidade de elaborar, como produto final, um vocabulário dialetal on-line.

Para tanto, os dados do *corpus* do Projeto ALiB estão sendo transcritos e registrados em formato *XML* (*Extensible Markup Language*), o que permite realizar a manipulação e a extração de informações específicas do *corpus* de forma automática. Assim, a partir da construção de um banco de dados em *XML* e do uso de ferramentas computacionais criadas especialmente para a manipulação das informações nele armazenadas, foi possível extrair, eletronicamente, o contexto de uso das unidades lexicais *farinhada*, *maniva*, *tacacá*, *tarisca*, *tipiti* e *tucupi*, bem como identificar as variáveis sexo, idade e localidade que são controladas nas análises como a realizada neste estudo. Desse modo, além de analisar as possíveis variáveis que influenciam as escolhas lexicais em estudo, foram considerados prováveis policiamentos de fala que podem ter interferido nas escolhas lexicais dos falantes durante as entrevistas, orientadas pela metodologia que subsidia pesquisas de cunho dialetal.

Este estudo considerou ainda a dicionarização das unidades lexicais analisadas com base na consulta a quatro obras lexicográficas da Língua Portuguesa – Aulete (2022), Ferreira (2010), Houaiss (2009), Michaelis (2022) – e a uma obra de cunho regional – Rodrigues (2015). Além disso, as acepções fornecidas por essas obras foram cotejadas com o contexto de fala extraído no *corpus* do Projeto ALiB.

2. Referencial teórico

A partir dos estudos de cunho lexicológico, percebe-se que o léxico pode ser compreendido como um organismo vivo e responsável por armazenar a experiência gerada e acumulada pelo homem através dos anos. Dessa forma, “a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos lingüísticos: as palavras” (BIDERMAN, 2001, p. 13). A gênese lexical, portanto, é concebida a partir da necessidade de nomeação de um novo referente do universo por meio do léxico.

Se a escolha do signo linguístico é a última etapa do processo de nomeação é sensato que, numa entrevista gravada, que vise à coleta de dados dialetais ou sociolinguísticos, as perguntas sejam organizadas segundo o método onomasiológico. Assim, pergunta-se qual é o nome de um objeto, de um sentimento, de uma ação a partir da sua descrição. Nesse sentido, por meio desse método parte-se do conceito para se chegar à forma nominal, enquanto no método semasiológico, o ponto de partida é o nome para obter o conceito, a acepção (BALDINGER, 1966, p. 29).

Em síntese, o processo de nomeação resulta em uma grande riqueza lexical que pode ser estudada, dentre outros pontos de vista, o da localização geográfica da comunidade de falantes, considerando-se que

O espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para a outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso da história (CARDOSO, 2010, p. 15).

Nesse sentido, a variação lexical diatópica registrada com auxílio de questionários linguísticos que, por sua vez, são elaborados a partir de critérios da Dialetologia/Geolinguística e utilizados nos inquéritos com os informantes numa entrevista gravada, traduz a norma lexical regional. Esse método de coleta de dados

geolinguísticos tem como finalidade constituir uma base empírica para subsidiar a análise e reflexão sobre a variação linguística de uma dada região (CHAMBER; TRUDGILL, 1994, p. 45). Por sua vez, o material coletado por meio das entrevistas dialetais, além de servir de base na elaboração de atlas linguísticos configura-se como uma fonte de pesquisa sobre marcas de uso de natureza diatópica nos dicionários gerais de língua. Isso em razão de o questionário linguístico ser organizado, geralmente, por áreas semânticas, o que permite que as perguntas sejam agrupadas em blocos temáticos pensados para que o informante possa se concentrar mais no tema do que em suas próprias respostas. Essa estratégia é utilizada para que a variação dialetal apareça na fala do entrevistado (CHAMBER; TRUDGILL, 1994, p. 50).

Na verdade, o registro da norma lexical de natureza espacial de forma natural configura-se como uma tarefa desafiadora, pois consiste em registrar o léxico veiculado no dia a dia de um informante sem que ele substitua, no momento de sua fala, uma unidade lexical do seu cotidiano por outra que ele conhece, mas não utiliza diariamente. Na verdade todo falante, durante o ato comunicativo, realiza escolhas lexicais que passam pelo crivo da formalidade e do contexto em que essa fala é realizada. Desse modo, para evitar que o informante filtre suas respostas e pense, em primeiro lugar, em atribuir ao referente um nome distinto, muitas vezes mais sofisticado, diferente do usado no seu cotidiano, não é raro que um entrevistador interpele o informante, alentando-o no sentido de fornecer as denominações usadas no seu cotidiano familiar e não aquelas que ele aprendeu na escola.

Nesse sentido, estabelecer um clima mais próximo e descontraído entre entrevistador e informante, suscitando assuntos que o afetem pessoalmente e que promovam uma fala mais descontraída, contribui para minimizar a postura formal do entrevistado (CHAMBER; TRUDGILL, 1994, p. 50).

Em suma, tendo em vista que o informante tende a se comportar de um modo formal durante uma entrevista gravada, pois está diante de um observador externo, se faz necessário construir uma interação entre inquiridor e entrevistado a fim de abrir espaço para falas informais LABOV (2008 [1972], p. 63). Tais estratégias são importantes para

quem busca inventariar a norma linguística de um grupo de falantes. Assim, considerando-se que a competência linguística do falante se adapta ao contexto comunicativo, fazendo com que o sujeito monitore a sua fala ao perceber que produziu frases “mal formadas” (LABOV, 2008 [1972], p. 220), o desafio do pesquisador durante a coleta de dados é reduzir o policiamento da fala, abrindo espaço para o registro do vocabulário cotidiano do falante, no caso de pesquisas sobre o léxico.

Como mencionado anteriormente, a norma lexical documentada por métodos dialetais figura como fonte de dados para a elaboração dos atlas linguísticos, como é o caso do Projeto ALiB. Nesse sentido, destaca-se que a qualidade lexicográfica de obras que registram os falares regionais está diretamente ligada à solidez metodológica e à fonte dos dados:

[...] la geografía lingüística es un campo virgen para la lexicografía, y es donde sus frutos pueden resultar sorprendentes. Desde luego, si queremos una lexicografía rigurosa, hoy en día, no hay más remedio que echar mano de los atlas lingüísticos³ (NAVARRO CARRASCO, 1993, p. 93).

3. Metodologia

O *corpus* do Projeto ALiB é formado por dados linguísticos que foram coletados em 250 localidades⁴ brasileiras, escolhidas mediante critérios espaciais, demográficos, econômicos e socioculturais. Em cada localidade os inquéritos foram realizados com auxílio do Questionário Linguístico que reúne três conjuntos de perguntas associadas a tipos distintos de questionários, a saber: i) Questionário Fonético-Fonológico (QFF), com 159 perguntas; ii) Questionário Semântico-Lexical (QSL), com 202 perguntas e iii)

³ “[...] a geografia linguística é um campo virgem para a lexicografia, no qual seus frutos podem se tornar surpreendentes. Dessa maneira, se queremos uma lexicografia rigorosa, atualmente, não há mais remédio a não ser lançar mãos dos atlas linguísticos” (NAVARRO CARRASCO, 1993, p. 93). (Tradução Nossa - T.N.).

⁴ A rede de pontos do Projeto ALiB reúne 250 pontos, incluindo 225 localidades do interior e 25 capitais distribuídas entre as cinco regiões brasileiras. A rede de pontos da região Norte, por exemplo, é formada por seis capitais e 18 municípios do interior. Os dados analisados neste artigo foram documentados em três localidades do interior: São Gabriel da Cachoeira/AM (ponto 004); Benjamin Constant/AM (ponto 007) e Oiapoque/AP (ponto 001).



Questionário Morfossintático (QMS), com 49 perguntas, além de quatro questões de pragmática e seis perguntas metalinguísticas.

O perfil dos informantes do Projeto ALiB foram selecionados segundo as seguintes variáveis: idade: duas faixas etárias (18 a 30 anos e de 50 a 65 anos); sexo: feminino e masculino; escolaridade: ensino fundamental incompleto no interior e capitais e ensino superior completo, nas capitais. Além disso, deve ter uma profissão definida, que não requeira grande mobilidade, além de pertencer ao contexto local. Seguindo esse perfil foram entrevistados oito falantes nas capitais e quatro nas cidades do interior. Os informantes também devem ser nascidos na localidade investigada, serem filhos de pais dessa mesma região linguística (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. viii).

A coleta desses dados formou um *corpus* a partir do qual os pesquisadores do Projeto ALiB têm realizado estudos acerca dos fenômenos linguísticos presentes na variante brasileira da língua portuguesa e, a partir desses resultados, elaborado cartas linguísticas, como é o caso dos dados das capitais, cujo estudo foi publicado no segundo volume do ALiB (CARDOSO et al, 2014).

Há também trabalhos de estudiosos que utilizam o *corpus* do Projeto ALiB para desenvolver diversas pesquisas como, por exemplo, estudos que visam a criar produtos lexicográficos a partir dos dados registrados nas gravações das entrevistas do ALiB⁵, dentre outros, o *Vocabulário Dialetal Baiano* (NEIVA, 2017), o *Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste: interfaces entre a Lexicografia e a Dialetologia* (COSTA, 2018), o *Vocabulário dialetal da região Norte do Brasil: um estudo das capitais com base nos dados do Projeto ALiB* (CORREIA DE SOUSA, 2019); e o *Vocabulário Dialetal Maranhense: a contribuição do Maranhão para o Dicionário Dialetal Brasileiro* (MARAMALDO FERREIRA, 2019).

Esses estudos buscam interfaces entre a Dialetologia e a Lexicografia e são filiados ao Projeto *Dicionário Dialetal Brasileiro (DDB)* (MACHADO FILHO, 2010)

⁵ Trabalhos de outras áreas da linguística podem ser encontrados no site do Projeto ALiB: <<https://alib.ufba.br/>>.



em andamento na Universidade Federal da Bahia, que tem como objetivo dar tratamento lexicográfico ao *corpus* dialetal do Projeto ALiB.

Como já anteriormente pontuado, os dados analisados neste artigo são vinculados a um projeto maior, de Tese de Doutorado, que tem como objetivo mais amplo dar tratamento lexicográfico e eletrônico ao *corpus* do Projeto ALiB, referente às 18 localidades do interior da região Norte do Brasil.

Destaca-se, ainda, que esses dados foram recuperados de forma automática, pois, para atingir o objetivo do projeto de Tese, um banco de dados em *XML* foi criado e está sendo alimentado com os dados dialetais desses 18 municípios da região Norte, coletados pelo ALiB. Além disso, ferramentas computacionais estão sendo desenvolvidas para a manipulação eletrônica dos dados⁶.

O conjunto de unidades léxicas aqui analisado é oriundo das respostas fornecidas para as perguntas 50 e 51 do Questionário Semântico-lexical – QSL/ALiB, por informantes de três localidades do interior da região Norte do Brasil que integram a rede de pontos do Projeto ALiB, a saber: São Gabriel da Cachoeira/AM, Benjamin Constant/AM e Oiapoque/AP.

Como já anteriormente pontuado, a metodologia do Projeto ALiB estabelece que nas localidades do interior devem ser entrevistados quatro informantes por localidade. Desse modo, como os dados deste artigo são resultados dos inquéritos realizados nas três cidades do interior de estados da Região Norte já mencionadas, considerou-se neste estudo a fala de 12 informantes. Embora a manufatura da farinha de mandioca não figure entre as questões do QSL-ALiB alguns inquiridores indagaram sobre esse processo no momento em que se perguntou sobre a denominação da raiz, parecida com a macaxeira, que não se come e que é utilizada para fazer farinha. Esses números podem ser observados na tabela 1 a seguir:

⁶ As manipulações eletrônicas permitem extrair informações específicas do banco de dados e ainda recuperar uma quantidade determinada de informação por meio de uma aplicação web, que está em desenvolvimento e será responsável por exibir os dados em forma de um vocabulário on-line.

Tabela 1 - Número de informantes indagados e não indagados quanto ao processo de fabricação da farinha de mandioca.

Localidade	Indagados	Não indagados
São Gabriel da Cachoeira /AM	3	1
Benjamin Constant /AM	4	0
Oiapoque /AP	2	2
	9	3
Total		12

Fonte: Elaboração dos autores.

A partir da tabela 1, identifica-se que um quarto dos entrevistados não foi questionado sobre o processo da manufatura da farinha de mandioca e que 75% dos informantes (nove) que descreveram para o inquiridor como a farinha de mandioca é produzida em sua região evidenciaram o uso de unidades lexicais pontuais utilizadas no âmbito de uma atividade específica, ou seja, são terminologias presentes no vocabulário cotidiano dessas pessoas. Vale destacar que dentre os nove informantes que foram indagados sobre o processo de fabricação da farinha de mandioca, apenas quatro mencionaram as os itens léxicos examinados neste artigo.

Para analisar o contexto de fala das UL selecionadas – *farinhada, maniva, tacacá, tarisca, tipiti e tucupi* – considerou-se a abordagem sociolinguística que investiga a capacidade do sujeito de modelar a sua fala de acordo com a situação comunicativa, levando-o, muitas vezes, a ocultar formas lexicais de seu cotidiano, substituindo-as por nomes que julga ser “mais correto” em uma conversa. Essa situação se agrava ainda mais no caso deste estudo que tem como *corpus* entrevistas gravadas em que o informante tem uma tendência natural de policiar a sua fala.

Nesse sentido, avaliou-se o grau de interação construído entre entrevistador e entrevistado em cada uma das seis unidades lexicais estudadas, ou seja, em que medida o

grau de formalidade favoreceu essa interação. Isso foi perceptível, por exemplo, no momento em que o entrevistado produziu falas mais extensas, para descrever uma situação, um caso familiar, contar sobre alguma lenda ou ensinar como se faz a farinha de mandioca.

O estudo também contemplou a análise diatópica dos dados apresentados, discutindo as UL documentadas em três localidades da região Norte do Brasil que atestam o uso de um léxico local peculiar.

Os dados lexicais também foram analisados semanticamente, cotejando-se o uso regional com as definições lexicográficas fornecidas por quadro dicionários gerais da Língua Portuguesa – Aulete (2022), Ferreira (2010), Houaiss (2009), Michaelis (2022) – e de uma obra de cunho regional – Rodrigues (2015).

4. Análise e discussão dos resultados

O estudo relacionado ao léxico da farinha de mandioca, que evidenciou o uso de UL específicas nos municípios de São Gabriel da Cachoeira/AM, Benjamin Constant/AM e Oiapoque/AP, foi realizado a partir da extração de informações do banco de dados em XML e da análise dos resultados segundo as abordagens diatópica, diastrática e léxico-semântica.

Os resultados selecionados para este estudo estão reunidos no quadro 1 a seguir.

Quadro 1. Corpus do léxico da mandioca – Projeto ALiB/Região Norte do Brasil

Pergunta	Unidades lexicais documentadas	Unidades lexicais relacionadas à fabricação da farinha
QSL 50	macaxeira	-----
QSL 51	mandioca	farinhada, tarisca, tipiti, maniva, enxada, cevada, forno, prensa, motor, ralador, peneira, tucupi, tacacá.

Fonte: Elaborado pelos autores com base no Banco de Dados do ALiB em XML

Observa-se pelos dados do quadro 1 que a “raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer” é denominada, nas localidades pesquisadas, de *macaxeira*, enquanto “a raiz que não serve para comer e se rala para fazer farinha” recebe o nome de *mandioca*. Essa evidência indica que no Norte do Brasil *mandioca* e *macaxeira* nomeiam raízes diferentes.

No entanto, quando inquiridos sobre o processo da manufatura da farinha de mandioca, os informantes mencionaram tanto formas lexicais de uso restrito às regiões estudadas quanto outras utilizadas em outra regiões brasileiras. Relacionadas ao primeiro grupo (formas regionais) foram mencionadas, por exemplo, *farinhada*, *maniva*, *tacacá*, *tarisca*, *tipiti* e *tucupi*, enquanto associadas ao segundo grupo (unidades lexicais comuns em outras regiões do Brasil) foram documentadas formas lexicais como *enxada*, *cevada*, *forno*, *prensa*, *motor*, *ralador* e *peneira*. Dados os objetivos deste trabalho, somente as vinculadas ao primeiro grupo foram objeto de análise.

4.1. Abordagem diatópica e diastrática

Os pesquisadores do projeto ALiB entrevistaram, nas localidades do interior, quatro informantes, dois do sexo masculino, um jovem e um idoso, e duas do sexo feminino, também uma jovem e uma idosa. Por serem dados coletados no interior, todos os falantes possuem como grau de escolaridade o então Ensino Fundamental incompleto. O quadro 2, a seguir, reúne as formas lexicais em estudo levando em conta as variáveis *localidade*, *sexo* e *idade*.

Quadro 2. Distribuição das unidades lexicais em análise segundo as variáveis localidade, sexo e idade.

Unidade lexical	Localidade		
	São Gabriel da Cachoeira/AM	Benjamin Constant/AM	Oiapoque/AP
Farinhada		homem/jovem	
Maniva		homem/jovem	
Tarisca		homem/jovem	
Tacacá			mulher/idosa

Tipiti	mulher/idosa, mulher/jovem		
Tucupi			mulher/idosa

Fonte: Elaboração dos autores.

Observa-se, no quadro 2, que as denominações em análise foram mencionadas por grupos específicos, ou seja, ocorreram apenas em uma das três localidades selecionadas: i) *tipiti*: São Gabriel da Cachoeira/AM, citada por duas informantes do sexo feminino, uma jovem e outra idosa; ii) *farinhada, maniva* e *tarisca*: Benjamin Constant/AM, mencionadas pelo informante masculino jovem; iii) *tacacá* e *tucupi*: Oiapoque/AP, formas fornecidas pela informante feminina idosa, enquanto descrevia a manufatura da farinha de mandioca.

Partindo da perspectiva diatópica, os dados ilustram que as UL em análise ocorreram de forma isolada nas localidades investigadas. Já em relação ao ponto de vista diastrático, os dados mostram que as mulheres tiveram uma participação maior ao mencionar as UL em estudo em comparação com os homens. Além disso, o léxico relacionado à produção da farinha de mandioca, analisado neste artigo, foi mais produtivo entre as mulheres idosas em comparação com as mulheres jovens.

4.2. Abordagem léxico-semântica

Com a finalidade de comparar o grau de dicionarização das unidades lexicais em estudo como também cotejar as acepções dicionarizadas com o sentido a elas atribuído pelos informantes do Projeto ALiB nas localidades selecionadas, foram consultados quatro dicionários gerais da língua portuguesa e um glossário terminológico, conforme o registrado no quadro 3 a seguir:

Quadro 3. Dicionarização das unidades lexicais *farinhada*, *maniva*, *tacacá*, *tarisca*, *tipiti* e *tucupi*.

Unidade Lexical	Aulete online (2022)	Ferreira (2010)	Houaiss (2009)	Michaelis online (2022)	Rodrigues (2015)
Farinhada	“N.E. Fabricação de farinha de mandioca nas casas de farinha”.	“Bras. N. N.E. Fabrico da farinha de mandioca; desmancha.”	“Reg. N. N.E. Fabricação de farinha de mandioca.”	“Reg.(N.N.E.) Fabricação de farinha de mandioca.”	“Quantidade grande de farinha produzida.”
Maniva	“Bras. N. N.E. Bot. O mesmo que mandioca.”	“Bras. N. N.E. V. mandioca (1 e 2).”	“Reg. N. N.E. m.q. mandioca.”	“Reg. (N.N.E.) Bot. V mandioca, acepções 1 e 2.”	“Planta com caule envolto de pequenos gumes da qual se retira a mandioca para a produção de farinha.”
Tacacá	“AM, PA Cul. Mingau feito da goma da mandioca, temperado com tucupi, camarão, alho, sal, pimenta etc.”	“Bras. AM, PA Cul. Mingau quase líquido de goma de tapioca temperado com tucupi, jambu, camarão e pimenta.”	“Reg. PA. Caldo feito com a goma da mandioca, camarões e tucupi e temperado com alho, sal e pimenta, a que se adiciona jambu, erva com a propriedade de provocar sensação de formigamento na boca.”	“Reg. (AM, PA), CUL. Caldo preparado com a goma da mandioca, temperado com sal, alho e pimenta, a que se acrescenta tucupi, camarões, jambu e erva picante da região.”	Não dicionarizada.
Tarisca	Não dicionarizada.	Não dicionarizada.	Não dicionarizada.	Não dicionarizada.	“Ver entrada principal: rodeté. L2: é o... a do caititu a <<tarisca>> é aquela que corta... aquela bola que corta a mandioca... (INF03BRA)”
Tipiti	“Bras. Cesto cilíndrico elástico, feito de fibras vegetais, us. para espremer e secar a massa	“[Do tupi] Utensílio que consiste numa espécie de cesto cilíndrico extensível, feito de palha, com	“Reg. Brasil. Cesto cilíndrico de palha em que se põe a massa de mandioca para ser espremida; tapiti.”	“Cesto cilíndrico, tecido de talas de palmeira, em que se coloca a massa de mandioca ralada para ser	“Cesto cilíndrico de palha trançada e usado para comprimir a massa da mandioca.”

	de mandioca; tapiti.”	uma abertura na parte superior e duas alças, us. entre os povos indígenas brasileiros para extrair, por pressão, o ácido hidrociânico da mandioca brava.”		espremida; tapiti.”	
Tucupi	“Amaz. Cul. Molho que mistura caldo da mandioca ralada com pimenta, muito us. na Amazônia.”	“Bras. Amaz. Cul. Tempero e molho de manipéira com pimenta.”	“Cul. Espécie de molho feito com água de goma e pimenta, que acompanhava vários pratos da cozinha do Norte do Brasil.”	“Reg. (PA), CUL. Molho tradicional da cozinha nortista, feito com água de goma e pimenta, que acompanha diversos pratos.”	“Líquido amarelo extraído da raiz da mandioca brava no processo de produção da farinha.”

Fonte: Elaboração dos autores.

Ao serem dispostas lado a lado, no quando 3, é possível observar um grau de similaridade entre as definições apresentadas em cada obra lexicográfica. Verifica-se, ainda, que a maior parte das entradas registram as unidades lexicais em exame como regionalismo da região Norte e Nordeste. No entanto, observa-se nas definições a ausência de semas que contribuam para a identificação de diferenças específicas em algumas definições.

Nesse sentido, nota-se que Rodrigues (2015) define *farinhada* como “quantidade grande de farinha produzida” enquanto os dicionários Aulete (2022), Ferreira (2010), Houaiss (2009) e Michaelis (2022) registram para *farinhada* a acepção “fabricação de farinha” atividade comum exercida nas chamadas casas de farinha. Ao pesquisar sobre a ocorrência de *farinhada* em Rodrigues (2015) apurou-se que a fala do informante que motivou a definição apresentada por esse autor é a seguinte: “<<farinhada>> aqui ... é quando ... quando a gente bota muita mandioca na água pra torrar assim uns três quatro dias até cinco dias ... aí a gente chama de farinhada... (INF05BRA).” Esse contexto de fala valida a definição apresentada pelo autor para o verbete *farinhada*.

Porém, esse não é o único contexto em que a forma *farinhada* é utilizada, como se pode observar em outros verbetes do mesmo glossário a exemplo de *farinheira*: “Ver

entrada principal: casa de farinha. L1: farinha seca mesmo né... e <<farinheira>> a senhora já ouviu falar? L2: é a casa onde a gente faz a farinhada (INF04ALT)”. Nesse verbete a fala do informante esclarece que a *farinhada* nomeia o ofício, ou seja, algo que se faz dentro da casa de farinha. Acrescenta-se, ainda, uma terceira circunstância de uso da forma lexical *farinhada*, registrada em Rodrigues (2015) no verbete *área de roça*: “Ver entrada principal: área da mandioca. L2: a farinhada é quando o produtor tá desmanchando por exemplo uma <<área de roça>> né [...] vou desmanchar uma tarefa de roça duas tarefas de roças então eu ponho o pessoal pra trabalhar... (INF02SAL).” Nesse caso o informante usa o item lexical *farinhada* como sinônimo de *área de roça*, ou seja, afirma que a *farinhada* é o ato de preparar uma área para o plantio da mandioca, conforme atesta o verbete principal *área da mandioca*: “Local onde se cultiva a mandioca. Variante: área da maniva; área de roça; manival; mandiocal; roça de mandioca; roça de maniva; roçado de mandioca; tarefa; tarefa de mandioca. L2: a <<área da mandioca>> é onde a gente faz o roçado né... (INF02SANT).”

Considerando os três contextos de uso da unidade lexical *farinhada* nas falas dos informantes que contribuíram para a construção do *corpus* do glossário de Rodrigues (2015), entende-se que o autor poderia ter acrescentado todas as situações de uso da unidade léxica em foco no verbete *farinhada*, tendo em vista que são contextos autênticos de fala coletados mediante critérios diatópicos.

Em relação à unidade lexical *maniva*, o quadro 3 informa que os dicionários gerais da Língua Portuguesa pesquisados registraram esse item lexical como verbete remissivo do verbete principal *mandioca*. No entanto, não há semas em relação à definição de *maniva* em nenhuma dessas entradas. Já Rodrigues (2015) deixa claro que a *maniva* é o caule da planta da mandioca que apresenta pequenos gumes. Todavia, essa definição poderia ser aprimorada ao esclarecer que a planta da mandioca, também chamada de *maniveira*, é composta pela raiz que é a *mandioca* propriamente dita, pelo caule em forma de gumes que é denominado *maniva* e pelas folhas. Desse modo, seria desfeita a ambiguidade que leva à confusão entre os conceitos de caule e raiz, tendo em vista que os dicionários Aulete (2022), Ferreira (2010), Houaiss (2009) e Michaelis (2022) apenas



remetem *maniva* à *mandioca* sem esclarecer ao consulente que essas formas lexicais nomeiam referentes distintos.

Também se observa, a partir do quadro 3, que a forma lexical *tacacá* não foi contemplada por Rodrigues (2015). Uma possível hipótese dessa ausência pode ser creditada ao fato de a forma *tacacá* nomear um prato típico da região Norte em que o *tucupi* é o ingrediente principal, ou seja, o *tacacá* não está diretamente ligado ao processo de fabricação da farinha de mandioca, como ocorre com *tucupi*. Desse modo, entende-se que *tacacá* não deve ter sido mencionada durante os inquéritos realizados para compor o *corpus* da pesquisa de Rodrigues (2015) de modo que não figurou na nomenclatura do glossário.

Constata-se, ainda, com base nos dados do quadro 03, que o item lexical *tarisca* não está dicionarizado nos dicionários da língua portuguesa consultados e não figurou como verbete principal no glossário terminológico de Rodrigues (2015), sendo caracterizado como verbete remissivo de *rodeite*, unidade léxica definida pelo mesmo autor na acepção de: “Peça do caititu feita de madeira, de forma roliça, cheia de serrilhas e usada na Trituração da mandioca. Variante: tarisca.”

Nesse caso, mesmo que *rodeite* se configure como uma variante de *tarisca* em determinadas situações de fala, é importante observar que as forma *rodeite* e *tarisca* nomeiam elementos distintos e complementares do caititu, ou seja, moinho construído de forma artesanal que é utilizado para moer a mandioca. Desse modo, julga-se importante tratar *tarisca* como verbete principal e atribuir-lhe uma definição, tendo em vista se tratar de um componente específico do tipo de moinho caititu.

O fato de a forma lexical *tarisca* não estar dicionarizada nas obras lexicográficas da língua portuguesa consultadas chama a atenção para a necessidade da atualização dessas obras, no que diz respeito ao léxico regional e, por extensão, à terminologia da farinha de mandioca, uma atividade econômica expressiva nas regiões Norte e Nordeste do Brasil.



A busca da unidade léxica *tarisca* no motor de busca Google evidenciou os seguintes resultados: i) o registro e a definição de *tarisca* no Dicionário Informal escrita por um colaborador morador da Paraíba na acepção de *tariscas* de madeira; ii) o anúncio de uma empresa que comercializa *tariscas* para moinho; iii) anúncios de camas acompanhadas de *tarisca* e colchão no site OLX dos municípios de Limoeiro/PE e de Jaboatão dos Guararapes/PE; iv) a prestação de contas da prefeitura de Manaus na aquisição de um ralador de mandioca em que um dos itens que acompanha o produto são *tariscas* de tamanho 5/8.

Desse modo, com base nos resultados obtidos pela Internet, observa-se que a unidade lexical *tarisca* é utilizada para denominar dois objetos diferentes: i) *tariscas* de madeira que sustentam o colchão da cama, ou seja, o estrado da cama; ii) *tariscas* como peças utilizadas em moinhos também denominadas de lâminas.

A definição fornecida pelo Dicionário Informal, que é do tipo colaborativa⁷, trouxe a acepção de *tarisca* relacionada às taboas de madeira usadas como estrado de cama, não contemplando o uso dessa unidade lexical como nome das lâminas de um moinho.

Destaca-se, ainda, que os resultados apurados em termos de uso da unidade léxica *tarisca* no buscador Google remetem a websites da região Norte e Nordeste do Brasil confirmando, dessa forma, o seu uso no falar regional dessas regiões brasileiras.

Já as definições, relativas à forma *tipiti*, transcritas no quadro 03, não evidenciam lacunas, no que diz respeito à precisão na descrição do referente nomeado. No entanto, observa-se que os dicionários Aulete (2022), Houaiss (2009) e Michaelis (2022) foram mais coerentes ao adicionarem a forma *tapiti* ao final de suas acepções como sinônimo de *tipiti*. Ferreira (2010), por sua vez, reuniu mais dados de cunho enciclopédico acerca

⁷ As definições colaborativas são úteis, pois os usuários podem compartilhar o uso e o significado de palavras e expressões que ocorrem em sua região e, em alguns casos, de forma isolada em relação ao restante do Brasil o que pode levar a crer de se tratar de um léxico regional. No entanto, o Dicionário Informal não possui mecanismos de avaliação claros para as colaborações enviadas em sua plataforma como ocorre na enciclopédia Wikipédia. Assim, acredita-se que estabelecer parâmetros para o envio de definições colaborativas agregue valor ao que é postado pelos usuários aumentando, desta forma, a qualidade do website que trabalha com esse tipo de tecnologia.



do uso do tipiti, ao explicar que se trata de uma ferramenta de origem indígena e responsável por retirar o ácido cianídrico da mandioca brava.

Outra definição que merece atenção é a relacionada à unidade lexical *tucupi*. Observa-se, mediante os dados lexicográficos disponibilizados no quadro 3, que os dicionários Aulete (2022), Ferreira (2010), Houaiss (2009) e Michaelis (2022) definem *tucupi* como um tipo de molho, ou seja, um composto líquido feito do caldo da mandioca, acrescido de ervas, sal, pimenta etc. Por sua vez, o glossário de Rodrigues (2015) define *tucupi* como um líquido, aquele que é extraído durante o processo de prensagem da massa da mandioca brava no *tipiti*. Nota-se a precisão dessas definições, porém, todas carecem de mais informações sobre o referente tucupi, especialmente no que diz respeito à diferença existente entre o *líquido* extraído da mandioca mencionado por Rodrigues (2015) e o tipo de *molho* descrito nos demais dicionários analisados utilizado na culinária da região Norte.

Com base nos dados catalogados pelo Projeto ALiB nas cidades de São Gabriel da Cachoeira /AM, Benjamin Constant/AM e Oiapoque/AP referente à pergunta 51 do QSL, *tucupi* denomina o líquido que escorre do *tipiti* durante o processo de fabricação da farinha de mandioca, conforme a definição proposta por Rodrigues (2015). No entanto, vale destacar que, nesse primeiro momento da extração do tucupi, o líquido contém ácido cianídrico que é tóxico e, desse modo, ainda não pode ser consumido. Para eliminar essa toxicidade o caldo é submetido à fervura e, posteriormente, fermentado para, só então, ser consumido e/ou comercializado. Geralmente, o tucupi é temperado com sal, ervas amazônicas e pimenta durante o processo de fervura e, nessa etapa, pode-se dizer que o líquido extraído do tipiti transforma-se numa espécie de molho. Essas informações são atestadas, nos inquéritos do Projeto ALiB tomados como fonte para este estudo, a partir da fala da informante do sexo feminino, idosa e moradora do município de Oiapoque/AP, quando descreve as etapas da fabricação da farinha de mandioca: “[...] aí vai ispremendu i coloca uma bacia imbaixu pra caí ali aquele *tucupi* qui vai... alí vem tudo, vai a tapioca i u *tucupi* im forma di líquido. Aí, depois que senta... aí que fica a tapioca imbaixu i u *tucupi* que a genti vai iscorrê i fervê... i depois vendê.” O trecho refere-se ao momento



em que a massa da mandioca é espremida no tipiti e produzindo o tucupi, ou seja, o caldo que é recolhido em uma vasilha. Esse caldo é formado por uma parte líquida (tucupi) e por uma farinha bem fina, a tapioca, que se deposita no fundo do recipiente.

Salienta-se, dessa maneira, a importância de descrever a origem do *tucupi* que não foi contemplada nos dicionários Aulete (2022), Ferreira (2010), Houaiss (2009) e Michaelis (2022). Por sua vez, Rodrigues (2015) não mencionou a que se destina o líquido amarelo extraído da mandioca brava, ou seja, as definições lexicográficas analisadas omitiram o fator responsável pela formação e manutenção das casas de farinha até a atualidade, isto é, a presença do ácido cianídrico nessa espécie de mandioca.

De modo inverso, constatou-se que a Wikipédia e alguns websites que comercializam o tucupi apresentam uma caracterização detalhada do caldo amarelado utilizado na culinária nortista e nordestina, mencionando desde sua origem até o seu destino final como, por exemplo, para o preparo de pratos como o tacacá e o pato no tucupi.

4.3. Outras considerações sobre os resultados

Durante a audição e transcrição dos áudios foi possível identificar que cada inquiridor procura, à sua maneira, se aproximar do entrevistado para que ele se sinta mais à vontade, pois a entrevista é orientada pelo Questionário linguístico que reúne um número significativo de questões, atividade que demanda várias horas de trabalho. Nesse sentido, todo o esforço de coleta de dados *in loco* precisa ser valorizado cabendo ao entrevistador interagir com seu entrevistado com a finalidade de coletar uma fala mais próxima do seu cotidiano.

Com base nos dados analisados, foi possível constatar que as falas mais longas diminuem o policiamento da expressão oral dos informantes. Além disso, uma interação mais descontraída entre entrevistador e entrevistado contribui para diminuir a formalidade, que é inerente ao gênero entrevista, situação comunicativa em que o informante está sendo observado por um desconhecido sendo normal uma postura de

cautela. Nesse sentido, abordar temas que sejam de interesse do entrevistado e que despertem nele um sentimento afetivo como, por exemplo, falar sobre a família, sobre a terra natal, sobre a vizinhança etc. contribui para a produção de um discurso mais informal no qual o falante possa se expressar com mais naturalidade e, por extensão, fazer uso do seu vocabulário usual que interessa aos estudos dialetais e sociolinguísticos.

Como mencionado anteriormente, a análise lexical do ponto de vista dialetológico leva em conta a localidade onde os dados foram coletados, além de observar o contexto cultural, social e econômico da comunidade de fala. Desse modo, observa-se que a motivação que permite a construção e o uso das unidades lexicais em análise no âmbito deste texto advém do contexto que envolve a manufatura da farinha. Isso significa que as ferramentas artesanais, as técnicas indígenas repassadas de geração a geração, os estágios que envolvem a produção nas casas de farinha e a configuração desse trabalho como uma fonte de renda, de subsistência das famílias, desenham o ambiente em que o recorte lexical em estudo é veiculado.

As variáveis *localidade*, *sexo* e *idade* foram determinantes no que diz respeito ao uso das formas lexicais em estudo⁸. Assim, constatou-se que *tipiti* foi mencionada por duas falantes do sexo feminino, uma jovem e uma idosa, de São Gabriel da Cachoeira/AM, enquanto *farinhada*, *maniva* e *tarisca* foram citadas por um falante jovem do sexo masculino, em Benjamin Constant/AM. Já *tacacá* e *tucupi* foram proferidas por uma informante idosa, do sexo feminino em Oiapoque/AP.

Os resultados mostram, pois, que as unidades léxicas em foco foram mais produtivas na fala de informantes do sexo feminino, ou seja, dos quatro informantes que as mencionaram, um é do sexo masculino e jovem e três são do sexo feminino, sendo uma jovem e duas idosas. Esses dados ainda apontam que as formas lexicais relacionadas à fabricação de farinha em estudo foram mais frequentes no vocabulário de mulheres idosas, ou seja, as que acumulam maior experiência nessa atividade econômica.

⁸Destaque-se que, conforme o perfil estabelecido pelo Projeto ALiB, os informantes do interior devem ter como escolaridade o nível fundamental de escolaridade incompleto. Desse modo, a variável *escolaridade* só poderá ser considerada para estudos de dados oriundos de localidades do interior visto que somente nas capitais são entrevistados falantes com nível universitário completo.

Em relação à localidade, observa-se que as seis denominações em causa aparecem de maneira isolada, isto é, *tipiti* ocorreu apenas em São Gabriel da Cachoeira/AM; *farinhada*, *maniva* e *tarisca* foram registradas somente em Benjamin Constant/AM, ao passo que *tacacá* e *tucupi* só foram mencionadas no Oiapoque/AP. Isso evidencia não apenas o caráter terminológico dessas formas lexicais, pois são utilizadas numa comunicação especializada entre trabalhadores rurais de uma manufatura específica, como também revela que nem todos os trabalhadores conhecem ou fazem uso dessa terminologia regional.

Destaca-se, ainda, que a extração automática de dados permite visualizar informações específicas do banco de dados que permitem ampliar as possibilidades de observação e análise do *corpus*. Dessa forma, a construção de um banco de dados em XML e o desenvolvimento de ferramentas computacionais de recuperação de informação disponibiliza um leque de possibilidades ao estudioso da linguagem que lhe permite, por exemplo, observar distintos fenômenos linguísticos em um determinado *corpus*.

No tocante às acepções registradas nas obras lexicográficas consultadas, constatou-se que é fundamental a construção de definições claras e completas para que o consulente possa encontrar nelas uma descrição que satisfaça a sua necessidade de pesquisa. Isso significa, por exemplo, que a consulta a determinado verbete de um dicionário pode gerar frustração, pois, muitas vezes, o usuário cai na circularidade de percorrer em vão um verbete após o outro e o problema é ainda maior, quando a dúvida não é sanada a partir da consulta a várias obras. Para tanto, além de primar pela qualidade da definição lexicográfica o dicionário precisa sempre recorrer a fontes fidedignas, principalmente quando se trata de terminologias e de vocabulários regionais.

Isso reitera o papel dos dicionários quanto ao registro do uso e dos sentidos das unidades léxicas em diferentes épocas. Assim, *tarisca*, por exemplo, é um item lexical que foi encontrado em duas situações comunicativas distintas que não estão registradas nos dicionários da língua portuguesa do Brasil de maior circulação. Dessa forma, para que esse uso não se perca é fundamental a catalogação lexicográfica de *tarisca* tanto por obras regionais quanto por dicionários gerais. Nesse sentido, ressalta-se a importância



dos atlas linguísticos como fonte de dados, tendo em vista que essas obras registram a norma lexical local e regional *in loco* a partir de uma perspectiva diatópica.

Considerações finais

Para além do já pontuado no item 4 deste artigo, faz necessário reiterar que este trabalho analisou dados documentados segundo a metodologia da Dialetologia/Geolinguística que prioriza a variação diatópica – variação espacial de um fato linguístico. Assim, a abordagem aqui apresentada configura-se como um estudo pontual de uma amostra de dados, examinada também segundo princípios da Sociolinguística.

O Projeto ALiB, por ser de natureza pluridimensional, favorece estudos focados nas variáveis sociais (sexo, idade, escolaridade), mas o principal objetivo de um atlas linguístico é a documentação e a representação da variação espacial por meio de mapas linguísticos.

Como já anteriormente pontuado a atividade econômica da fabricação da farinha de mandioca não é contemplada com uma pergunta específica no QSL/ALiB por ser tratar de uma atividade econômica específica em determinadas localidades, como observado nos municípios de São Gabriel da Cachoeira/AM, Benjamin Constant/AM e Oiapoque/AP. Como o ALiB se configura como um atlas nacional, os questionários que foram utilizados como apoio na coleta e dados foram elaborados levando em consideração a totalidade das regiões do Brasil, não se tendo, pois, condições de se ater a determinadas particularidades regionais. Todavia, a riqueza dos dados registrados em discursos informais, além de enriquecerem os dados buscados, pode subsidiar estudos paralelos a exemplo do focalizado neste trabalho.

Acrescenta-se, ainda, que as quatro perguntas do Questionário do Projeto ALiB que versam sobre discursos semidirigidos consideram esse princípio metodológico e demonstram a interface entre Dialetologia e Sociolinguística.



Por fim, o *corpus* de um projeto de cunho dialetológico/geolinguístico reveste-se de significativa importância para a produção de dicionários/vocabulários dialetais que registram a norma regional, como o projeto maior a que o estudo aqui apresentado se vincula.

Referências

- AULETE, Caldas. **Dicionário Aulete Digital**. Rio de Janeiro: Lexicon, 2022. Disponível em: <<https://www.aulete.com.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- BALDINGER, Kurt. Semasiologia e onomasiologia. **Alfa**, Marília, FFCL de Marília, v. 9, p. 7-36, 1966. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/issue/view/267>>. Acesso em: 17 ago. 2021.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires.; ISQUERDO, Aparecida Negri. **As Ciências do Léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2 ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 13-22.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A dialetologia e os estudos da variação linguística. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística - tradição e modernidade**. São Paulo: São Paulo, 2010, p. 15-30.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva et al. **Atlas Linguístico do Brasil: Cartas Linguísticas 1. Vol. 2**. Londrina: EDUEL, 2014.
- CHAMBERS, Jack; TRUDGILL, Peter. La Geografía Lingüística. In: CHAMBERS, Jack; TRUDGILL, Peter. **La dialectología**. Madrid: Visor Libros, S. L., 1994, p. 35-59.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Atlas Lingüístico do Brasil: questionário 2001**. Londrina: EDUEL, 2001.
- CORREA DE SOUSA, Cemary. **Vocabulário dialetal da região Norte do Brasil**: um estudo das capitais com base nos dados do Projeto ALiB. 2019. 134 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.
- COSTA, Daniela de Souza Silva. **Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste**: interfaces entre a Lexicografia e a Dialetologia. 2018. 353 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina/PR, 2018.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 5.ed., Curitiba: Positivo, 2010.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. CD-ROM.
- LAVOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008[1972].



MARAMALDO FERREIRA, Camila. **Vocabulário Dialetal Maranhense:** a contribuição do Maranhão para o Dicionário Dialetal Brasileiro 2019. 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís/MA, 2019.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Um ponto de interseção para a dialectologia e a lexicografia: a proposição de um dicionário dialetal brasileiro com base nos dados do ALiB. **Estudos Linguísticos e Literários** (UFBA), v. 41, p. 49-70, 2010.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.** [S.l.]: Melhoramentos, 2022. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

NAVARRO CARRASCO, Ana Isabel. Geografía lingüística y diccionarios. **ELUA**, Estudios de Lingüística. [S.l.], nº 9, p. 73-96, 1993. Disponível em: <<http://rua.ua.es/dspace/handle/10045/6467>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

NEIVA, Isamar. **Vocabulário Dialetal Baiano.** 2017. v. 1, 270 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

RODRIGUES, Elias Maurício da Silva. **Glossário eletrônico da terminologia da farinha de mandioca na Amazônia paraense.** 2015. 307f. – Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/14481>>. Acesso em: 18 abr 2022.

Recebido em: 27/07/2022 | Aprovado em: 17/08/2023

Publicado em: 12/07/2025
